

Ministério do Turismo, Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro,
Secretaria Municipal de Cultura apresentam



O OLHAR DOS VIZINHOS NO JORNAL DA ZONA

RIO DE JANEIRO :: 2022 :: 5ª EDIÇÃO

O Museu de Arte do Rio tem como uma de suas vocações reforçar a conexão da arte com os espaços públicos e com os indivíduos. Essa missão também se reafirma no dia a dia a partir da nossa relação com a Pequena África e com as pessoas que habitam esse território da zona portuária e com as comunidades da região. Entre essas pessoas, estão os Vizinhos do MAR, nossos parceiros de troca de diálogos, experiências, afetos e atividades.

Uma dessas atividades é O Olhar dos Vizinhos no Jornal da Zona, jornal comunitário publicado desde abril de 2018, que está em sua 5ª edição e agora chega às suas mãos para uma boa leitura. A partir do trabalho da Escola do Olhar, apresentamos informações comunitárias, histórias potentes dos habitantes da região portuária e, principalmente, o retrato do lugar onde esses moradores vivem, criam, trabalham, produzem e dialogam.

O jornal é fruto da comunicação entre o MAR e os vizinhos. A partir dessa troca, iluminamos as trajetórias que nos inspiram. Nesta nova publicação, contamos um pouco mais sobre os projetos inovadores do território, tais como o Providência Agroecológica, programa de ecologia e de ensino dos saberes das plantas, e a Roda Cultural da Central, com as tradicionais batalhas de *rap* na Praça do Cajueiro. A nova edição traz ainda poemas escritos por artistas da Pequena África, trajetórias de vida dos personagens da região portuária e um pouco mais sobre a história do Morrinho, projeto artístico que está no MAR desde a sua inauguração.

Em 2022, voltamos a nos encontrar presencialmente e a quinta edição do Jornal dos Vizinhos marca o retorno desse contato tão essencial e precioso entre MAR, moradores, trabalhadores e agentes culturais da zona portuária. Seguimos com a nossa missão de ressoar a história das comunidades vizinhas, desde o Morro da Conceição, Morro da Providência, Morro do Pinto, bairros de Santo Cristo, Saúde, Caju; toda a Pequena África. Em 2023, esperamos revigorar e ampliar ainda mais a conexão e o diálogo entre o mais carioca dos museus e os nossos vizinhos.

Desejamos uma boa leitura! E que venha a próxima edição!

Raphael Callou
Diretor-chefe da OEI

No cafezinho, um acontecimento

A Escola do Olhar compreende a importância de criar metodologias que permitam a criação de possibilidades do encontro e é com esse objetivo que caminhamos no processo de continuidade do Programa Vizinhos. No ano de 2022, com a melhoria do cenário da pandemia da covid-19, as atividades realizadas de forma presencial, no Museu de Arte do Rio (MAR), passaram novamente a tornar-se uma realidade.

Com isso, em diálogo direto com os vizinhos do MAR, vamos mais uma vez retomar a periodicidade dos nossos encontros e instauramos que todo segundo sábado do mês nos encontraríamos para realizar o nosso Café com Vizinhos.

Sabe-se que, desde que foi descoberto como bebida, o café sempre teve um papel importante como um ritual de sociabilidade. O que entendemos aqui por nos reunirmos uma vez ao mês para tomarmos o café da manhã juntos? Ao construirmos esse tempo-espaco para tomar café com outras pessoas, construímos também o convite ao encontro, a abrir um espaço para a conversa, para se conectar com o mundo do outro, para elevarmos o rito social. Não é só tomar um cafezinho, mas é estar entre muitos. É abrir o diálogo para a criação de projetos, sonhos e negociações, no desafio de fazer com. E é a partir desse desejo de ações de relacionamento continuado com

os vizinhos que nasce o fruto de um trabalho idealizado, desenvolvido e materializado a muitas mãos: a 5ª edição da publicação “O Olhar dos Vizinhos no Jornal da Zona”.

Todo o conteúdo e as urgências necessárias que apresentaremos nas páginas a seguir foram deliberados de maneira coletiva entre os vizinhos e o Museu, conteúdo esse que desejamos estender ao alcance dos leitores, dando conta das narrativas encontradas nas ruas da região portuária e nas histórias de gente, com gente e para gente.

A construção desse jornal, o qual convidamos vocês a desfrutar conosco, é resultado de um trabalho que consideramos estar na base e no chão deste Museu: a mediação. E é a partir dela que nos colocamos “na condição e na posição de quem também há de viver uma experiência e a potencializa, despertando corpos, caminhando juntos, levando e sendo levado” (MARTINS; DEMARCHI, 2016, p. 6). Foi no ato de tomar café que a mediação se deu, permitindo-nos celebrar e materializar esse encontro, que hoje você pode experimentar em formato de jornal.

Boa leitura!

Patrícia Dias
Gerente de Educação e da Escola do Olhar do Museu de Arte do Rio

Apresentação do Jornal



Fotos: Dobby

Esta edição do jornal O Olhar dos Vizinhos no Jornal da Zona traz, para o público do Museu de Arte do Rio e seus vizinhos, narrativas únicas, capazes de fazer conhecer as potências e vocações de um território imerso em iniciativas coletivas, sejam elas com o caráter artístico, cultural e/ou social. Trata-se de projetos e coletivos que conectam pessoas, promovem encontros e, com isso, tecem uma rede de apoio mútuo.

Em decorrência da pandemia da covid-19, esses projetos e coletivos tiveram que se adaptar, temporariamente, até que os encontros presenciais voltassem à ordem do dia. O ano de 2022 acenou para a retomada do hábito milenar dos encontros, o que agitou os ânimos de pessoas que se dedicam ao território da zona portuária e atçou as esperanças das pessoas beneficiadas por esses projetos.

Tive o prazer de conhecer cada projeto que está nesta edição e, sobretudo, as histórias que os antecedem. Histórias de pessoas que empenham a vida para reconhecer os valores e saberes do território. Por uma série de razões, algumas reveladas neste jornal, um episódio, um acontecimento, na sua trajetória, mostram os caminhos para o trabalho comunitário.

Com imenso prazer, convido a leitora e o leitor a visitar, através deste jornal, histórias que cruzam as ruas da região portuária, assuntos que sobem e descem as ladeiras do Morro da Providência e encontram interlocutores em toda a cidade do Rio de Janeiro.

Yago Feitosa
Educador de Projetos da Escola do Olhar

Sumário

OFÍCIOS E SABERES DA REGIÃO

7 Pelos meus acessos...
a Providência Agroecológica
Gustavo Perdigão

8 Providência Agroecológica:
Horta Inteligente e Naturalê
Alessandra Alves

PERSONAGENS DA REGIÃO

10 Porto do Samba
Alexandre Nadai

11 Machado de Assis
Paula Carriconde

CARTOGRAFIA

12 Cartografias dos Coletivos
e Projetos da Região
Yago Feitosa & Ruanna Sander

PROJETOS DA REGIÃO

24 CRIA do Caju
Saulo Nicolai

26 RECUSA
Renata Alves

28 A roda é um gerador de energia
GTA e CJNK

RESTAURAÇÃO DO MORRINHO

30 Observação brincante
Maristela Pessoa

32 Daqui eu não saio, daqui ninguém me tira
Tatiana Paz

POETAS DA REGIÃO

33 Poema-relato diário
Saulo Nicolai

34 Mar de inclusão
Diego Prazeres

35 Sobre andar nas ruas
Um poema pra turma de museologia
Homem de areia / Leveza
Sidnei Machado

36 Considerações finais
Yago Feitosa

OFÍCIOS E SABERES DA REGIÃO

Pelos meus acessos... A Providência Agroecológica

Pelas roças do Morro da Providência, encontramos o projeto de três mulheres que facilitam a conexão com os saberes ancestrais das benzedeadas.

No dia dois de julho de 2022, tive a oportunidade de conhecer, através do Programa Vizinhos do MAR e do Museu de Arte do Rio, esse projeto fantástico dentro do território da zona portuária, no Morro da Providência. A Alessandra Roque, a Elisângela Almeida, a Lorena Portela e mais uma turma tocam o projeto Providência Agroecológica, situado atrás da antiga Rádio Tupi. É uma espécie de roça dentro da cidade, que faz com que os moradores e visitantes, principalmente as crianças e os adolescentes, vivenciem uma experiência única: poder ver uma gama de folhas, frutos e plantas que não se vê normalmente.

Eu mesmo vi, peguei e experimentei o pé da canela *in loco* – e fiquei que nem criança quando recebe um doce. São momentos que estão esquecidos nas nossas memórias. Ou em outra vida, ou em outro tempo. Essa experiência me lembrou da época em que existiam benzedeadas e rezadeiras,

que, na maioria das vezes, eram nossas avós ou vizinhas bem próximas. Em cada lugar, existe uma forma de tratar esse conhecimento passado de mãe para filha. Por isso mesmo, a maior preocupação dessas três mulheres que lideram o projeto foi justamente a de trazer e reativar esse conhecimento ancestral que envolve as ervas, os xaropes, os emplastos e suas histórias, para que os moradores da região pudessem aprender e implementar, em suas casas, o cultivo de plantas e ervas medicinais e aromáticas.

Eu fui até o espaço para ver como era feito o processo de reaproveitamento do óleo de cozinha e da sua transformação para fazer o sabão líquido. A Alessandra estava toda paramentada, de jaleco, luva e máscara. Para fazer o sabão, no início do processo, é preciso usar soda cáustica (sinistro!) e, como ela esquenta muito, parece que ligaram um maçarico dentro do tambor onde estava sendo preparada

a mistura. Mesmo assim, é muito interessante como cada peso e cada medida são fundamentais para que se chegue ao resultado final com sucesso. Quando surgiu a pergunta sobre o porquê de o sabão não ser feito em barra, foi explicado que, para produzi-lo, seria necessário utilizar outros produtos que não condizem com o reaproveitamento e a consciência ecológica.

Foi uma aula de conhecimento! Pena que eu não levei uma garrafa para trazer o sabão que já estava pronto.

Obrigado a todos pela manhã maravilhosa.

Gustavo Perdigão

Morador do Morro da Conceição, turismólogo, guia de turismo e fotógrafo nas horas vagas.

[#pelosmeusacessos @gusreal](#)



Fotos :: Gustavo Perdigão

Providência Agroecológica

Horta Inteligente e Naturalê

Do concreto do Túnel João Ricardo, o projeto Providência Ecológica transformou o que antes era um terreno baldio num espaço vivo, que constrói e recupera maneiras de se relacionar consigo mesmo, com a natureza e com o outro, por meio de laços de colaboração entre plantas e gentes.

O Providência Agroecológica se formou a partir da parceria de três mulheres que decidiram se juntar para potencializar as ações de agroecologia e educação que já eram realizadas desde 2013 no Morro da Providência/Favela, no território da Pequena África Carioca, RJ. A organização é considerada “uma escola em contínua construção”, com atividades direcionadas principalmente às crianças, aos jovens e às mulheres. Suas ações promovem a restauração ecológica de espaços comuns da favela, o saneamento e a valorização de conhecimentos tradicionais, ligados ao uso medicinal e alimentar das plantas.

PROJETOS PRINCIPAIS

Educação ambiental e direito à cidade
Na realidade da favela, as crianças estão mais acostumadas a catar cápsulas e fazer réplicas de fuzil de armas do que usar um escorega. Da necessidade fundamental de garantir às crianças as ferramentas e condições para que possam simplesmente ser crianças – um direito sistematicamente negado a elas –, o projeto oportuniza a vivência e a educação

ambiental dentro do Morro da Providência. Atualmente, 120 crianças e jovens entre 4 e 18 anos participam regularmente das atividades.

A sede do projeto é uma reprodução da infância que se faz nos quintais, onde acontecem múltiplas atividades ao ar livre: um quintal onde a criança entra e faz uma aula de xadrez, depois volta para uma atividade de pintura; e pega uma fruta do pé, enquanto outra criança está regando as mudas recém-plantadas. Nessa escola, a criança participa de todos os processos do ciclo da vida: vê a germinação, a muda pequena, acompanha seu crescimento, rega e cuida diariamente e, quando chega a hora, leva-a



Fotos: Douglas Dobby

para casa para sua alimentação. Ao fim, realiza a compostagem, quando os nutrientes retornam para a terra, alimentando novas plantas.

As aulas e oficinas acontecem de segunda a sábado e incluem vivências ligadas ao cultivo de alimentos, à culinária e à sensibilização alimentar, à gestão de resíduos e à compostagem. Além disso, são realizadas atividades de pintura e artes plásticas, de educação física, de xadrez e de reforço escolar, bem como a promoção do direito à cidade, por meio de visitas a museus, festivais de cinema e itinerários ecológicos e históricos, relacionados ao território da Pequena África e do Quilombo Pedra do Sal.

Agroecologia e alimentação

Ao longo dos últimos nove anos, por meio de mutirões de plantio no Morro da Providência, estabelecemos três grandes áreas de recuperação ambiental e de cultivo agroflorestal agroecológico em locais antes destinados ao depósito de resíduos sólidos. Nossa intenção é oportunizar a produção e a partilha comunitária de alimentos, favorecendo a ressignificação de espaços públicos e de lazer, como o espaço do Java, sede do projeto, e o espaço Naturalê, em uma área mais alta do Morro. Além disso, para garantir o direito à alimentação, oferecemos diariamente comida de verdade para as crianças e os jovens da nossa escola, que também têm acesso a exemplares de diferentes espécies de plantas alimentícias e medicinais, conhecendo, assim, a sua diversidade.

Saneamento ambiental

A agricultura urbana está estritamente vinculada ao saneamento. Por isso, as ações da organização incluem atividades de gestão de resíduos, coleta seletiva, técnicas de drenagem das águas da chuva e promoção do acesso à água. Nos espaços de atuação no morro,

foram construídas duas bacias de evapotranspiração para o tratamento ecológico do esgoto; um sistema de banheiro seco; e a compostagem permanente dos resíduos orgânicos, produzidos no preparo das refeições em nossa sede.

Cuidado em saúde e ações de enfrentamento à pandemia da covid-19

Entendemos que a favela da Providência, enquanto território de resistência quilombola, é um lugar potente para a retomada e a valorização de conhecimentos tradicionais, como o uso de plantas medicinais e a alimentação com comida de verdade – que, com o passar dos anos, foram sendo esquecidos no território. Produzimos e preparamos produtos fitoterápicos, a partir das ervas medicinais cultivadas em nosso espaço, e temos uma sala para atendimentos e formação em práticas alternativas e complementares em saúde.

Desde março de 2020, é realizado o projeto Lave as Mãos, que envolve a produção de sabão a partir do óleo de cozinha reutilizado e a instalação de sistemas de acesso à água nas vias públicas. Já foram distribuídos mais de 22 mil litros de sabão, feitos com o óleo proveniente das próprias casas

da Providência. Também foram instaladas 83 pias públicas, garantindo aos moradores acesso irrestrito à água, o que auxilia no atendimento aos protocolos de higienização recomendados pelo Ministério da Saúde.

Alessandra Roque

É raizeira, mateira e terapeuta. Ela também coordena o projeto Providência Agroecológica, que une educação e agroecologia.

Contato:



Apoie o projeto:



Porto do samba

O jornalista e sambista Alexandre Nadai nos leva de bonde a explorar as ruas, becos e calçadas onde sentaram-se expoentes figuras do samba, entre festas, fofocas e disputas, através do tempo. Foi aí que o samba nasceu.

Aproveitando o lançamento do curta de animação *Senhor do trem*, no Instituto Pretos Novos, com a presença da Velha Guarda da Portela, vou pegar carona nesse bonde para trazer um pouco da história do samba na região. Começarei pelos batuques nas casas das “tias”, que têm como expoente Tia Ciata – cuja casa, no Rio de Janeiro, foi um grande reduto do samba e dos batuques de terreiro, de onde saiu o primeiro samba registrado e uma das polêmicas que tornam fascinante a história do gênero.

Em um bate-papo com Heitorzinho dos Prazeres, herdeiro do “velho” Heitor, ele revelou que a música “Pelo telefone”, gravada por Donga, era fruto das rodas na casa de Tia Ciata e nasceu com versos de improviso feitos em cima de uma primeira música, com autoria de vários compositores, mas foi registrada por esse mestre que ficou na história. Aliás, “Pelo telefone” seria samba ou maxixe? De acordo com Ismael Silva, o samba de Donga não tem o *bumbum-praticumbumprucurndum* dos sambas de verdade, dos malandros do Morro do Estácio, território da primeira escola de samba, a Deixa Falar – posto que também é pleiteado pela Vizinha Faladeira, do Santo Cristo.

Polêmicas à parte, o samba segue resistindo na Pequena África, ou “África em Miniatura”, como chamava o “velho” Heitor. Passeando pela história, subimos o Morro da Providência, o antigo Morro da Favela, primeira comunidade da América Latina, para destacar o Nosso Samba, que durante algum tempo acompanhou o ser de luz chamado Clara Nunes. Por lá, também

podemos passar em frente à casa de Tia Dodô, primeira porta-bandeira do carnaval carioca, que foi levada por Paulo da Portela – o “Senhor do trem”, cria da Senador Pompeu – para a Azul e Branco de Oswaldo Cruz.

Nas décadas de 1980 e 1990, a Pedra do Sal insistiu em seguir como ponto de resistência do samba, abrigando o bar da Dona Vera, que recebia, de acordo com Heitorzinho dos Prazeres, grandes bambas, como Guilherme de Brito, Nelson Sargento, Wanderlei Caramba, entre outros. A historiadora Angela Nenzy, conforme ressaltou o filho do “velho” Heitor, também tem papel de relevância nas andanças com os grandes sambistas acima citados, até se tornar companheira do mestre Wilson Moreira e seguirem juntos fazendo da Pedra do Sal um reduto do autêntico samba brasileiro.

E seguimos resistindo, com projetos que aportaram com vistas a preservar a essência do samba carioca, tais como: o Sal do Samba, que mais tarde ficou conhecido como Movimento Samba da Fonte, uma roda de compositores que depois migrou para o Vaca Atolada, nas proximidades da Lapa; a Roda de Segunda da Pedra do Sal; e o grupo Moça Prosa, que nasceu na Pedra do Sal e floresce no Largo da Prainha, representando o fortalecimento e o protagonismo da mulher no samba. No Morro da Conceição, o Terreiro de Breque, capitaneado pelo compositor e escritor Zeh Gustavo, faz história trazendo o lado B de grandes compositores e fazendo aquele breque

sincopado em duetos inesquecíveis com o violonista Renan Sardinha.

Claro que, ao falar da região portuária, vou puxar a sardinha para o meu lado e contar do Velhos Malandros, fruto dos encontros no quintal da minha casa, ali na João Alvares, número 23, onde eu recebia amigos sambistas, como os integrantes do Samba na Fonte, Pecê Ribeiro, Zé Luiz, do Império Serrano, João da Valsa, do Salgueiro, e tantos outros. Havia também os encontros dos jongueiros dos grupos Tambor de Cumba e Danda Lua, além de aulas de dança afro, sob a batuta da historiadora e dançarina Aninha Catão. E o resultado é o encontro mensal com a roda de jongo, todo terceiro domingo, na Praça da Harmonia. Logo depois, passei a receber grandes mestres do samba, além dos já citados, como Noca da Portela, Wilson Moreira, Ivan Milanez, Marquinhos Diniz, Juninho Thybau, Tatinho da Mangueira e tantos parceiros – seria preciso outras páginas para citá-los. Seguimos de forma quinzenal em 2022, aos sábados, revezando com a turma do Samba Honesto do Prata Preta e outros que vêm pintando nessa nova fase da região.

E seguimos assim, resistindo, renovando, cantando e sambando. Os blocos, os ranchos e o frevo vou deixar para outra edição.

Alexandre Nadai

Alexandre Nadai é jornalista e integrante da equipe de comunicação do Instituto Pretos Novos (IPN). É uma das principais referências do samba, estando à frente dos projetos Velhos Malandros (Gamboa) e Pagode do Nadai.

Machado de Assis

O objeto de Machado e de sua prosa não se limita a narrar os fatos históricos. Sobre o passado escravista, por exemplo, também enuncia sobre como suas permanências são subjetivadas e se tornam parte da psicologia social, do qual o Valongo é um lugar privilegiado para refletir sobre a relação entre passado e presente.¹

Joaquim Maria Machado de Assis nasceu no dia 21 de junho de 1839. De origem humilde, foi criado no Morro do Livramento, um prolongamento do Morro da Providência no Rio de Janeiro, então capital imperial do Brasil. Como perdeu a mãe muito cedo, foi criado pela madrasta, Maria Inês, que, em alguns contos, é apresentada como sua madrinha – talvez fosse as duas coisas.

O autor foi batizado na igreja do Morro do Livramento, ainda hoje existente e visível na silhueta do morro; mas a chácara onde nasceu e se criou não existe mais, já que foi derrubada nos anos de 1970 e, hoje, ostenta a torre da Embratel. Na época, houve uma campanha para o seu tombamento que não obteve sucesso, e a chácara foi derrubada. Seus primeiros estudos foram num colégio público, no bairro vizinho de São Cristóvão, onde só se podia chegar de lanchas (espécie de barco com uma única vela), visto que ainda não havia ligações por transportes terrestres naquele período. Nesse mesmo colégio, foi aluno do Padre Silveira Sarmento, que o contratou como sacristão. Estudou francês, inglês e alemão.

Em 1855, com 16 anos, publicou o poema “Ela”, no jornal Marmota Fluminense, e entrou como aprendiz de tipógrafo na Imprensa Nacional, onde passou a ser revisor de provas na tipografia de Paula Brito. Lá conheceu escritores e jornalistas, passando a colaborar no Correio Mercantil, no Diário do Rio de Janeiro, na Semana Ilustrada e no Jornal das Famílias. Em 1867, foi nomeado ajudante do diretor do Diário Oficial. Dois anos depois, casou-se com Carolina Augusta Xavier de Novais, com quem viveu um casamento feliz e tranquilo por 35 anos, e não tiveram filhos.

No ano de 1870, colaborou no Jornal da Tarde e, em 1872, lançou seu primeiro romance, *Ressurreição*. Exerceu, em seguida, a função de primeiro-oficial da Secretaria do Ministério da Agricultura, Viação e Obras Públicas. Publicou *Histórias Românticas e Relíquias de Casa Velha*, entre 1874 e 1876, no Jornal das Famílias. Em folhetim, no jornal O Globo, em 1874, saiu o romance *A mão e a luva*. Também colaborou na Gazeta de Notícias, na Revista Brasileira e no O Cruzeiro, quando

ainda editou seu romance *Iaiá Garcia*, tudo isso em 1878.

Em 1880, foi nomeado oficial de gabinete do ministro da agricultura e, 8 anos depois, foi elevado a oficial da Ordem da Rosa. Em 1892, já no período republicano, ascendeu a diretor-geral da Viação. Em 1896, fundou, com outros escritores, a Academia Brasileira de Letras, sendo eleito seu primeiro presidente no ano seguinte.

Romancista, cientista, dramaturgo, poeta e jornalista, Machado de Assis começou no romantismo, passou pelo parnasianismo e terminou no realismo.

Após o falecimento de sua amada Carolina, em 1904, tornou-se um recluso até a sua morte, em 29 de setembro de 1908, na casa do Cosme Velho, no Rio de Janeiro – daí a sua alcunha de “Bruxo do Cosme Velho”. Descansou ao lado de sua amada esposa e se tornou a maior glória da literatura brasileira.

Paula Carriconde

Paula é gaúcha, artista plástica e assídua do Café com Vizinhos do MAR. Mora nos arredores do Morro do Pinto há mais de 30 anos.

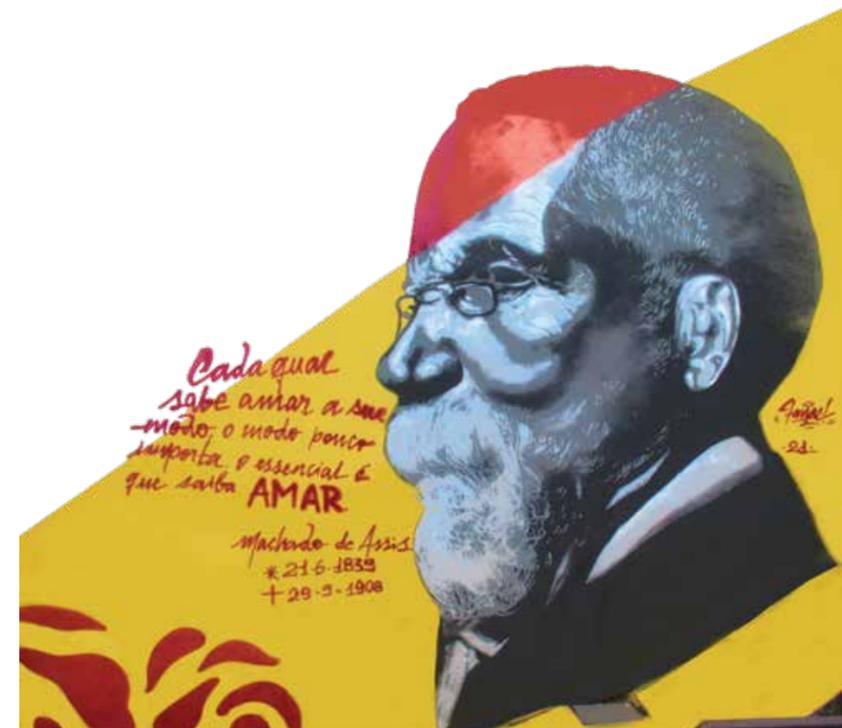


Foto :: Gustavo Perdigão

¹ JORDÃO, Rogério Pacheco. *O Valongo de Machado na cartografia do Rio de Janeiro: a escravidão em cena na cidade. Machado de Assis em Linha [online]. 2015, v. 8, n. 16.*

Cartografia

A cartografia que apresentamos nesta edição do jornal é a continuação do fio que puxamos da edição passada, com algumas particularidades. No ano passado, os vizinhos do MAR, muito sensibilizados com as consequências da pandemia, propuseram expor no jornal o trabalho dos artistas locais, uma vez que suas rendas foram extenuadas pelos impactos do isolamento social. A cartografia, nesse sentido, serviu como uma plataforma de divulgação e valorização desses artistas – conscientes de que é preciso conhecer para valorizar –, além de ajudar a fortalecer a rede de cultura na qual estão inseridos e articulados. O fio puxado também revelou um novelo extenso, suficiente para tecer uma rede de trabalhos e iniciativas comunitárias, feita por moradores e para moradores da região portuária. Fomos motivados, portanto, a continuar puxando esse fio até chegarmos aos coletivos e projetos culturais que, por sua vez, também sofreram com a pandemia.

A cartografia que se segue não tem por objetivo abordar todos os projetos em curso no território. Acompanhar os processos de alguns deles já nos dá a dimensão do potencial cultural que a região portuária possui. Listamos, com os vizinhos do MAR, alguns desses coletivos e projetos, a fim de destacar a importância deles para as pessoas que moram ou visitam a região.

Yago Feitosa

Educador de Projetos da Escola do Olhar

Ruanna Sander

Produtora da Escola do Olhar

MEMÓRIA E PATRIMÔNIO

Para iniciar a cartografia, serão apresentados os projetos que se dedicam à educação patrimonial, uma vocação natural de um território cuja memória deve ser preservada; são os casos da Casa da Tia Ciata e do Instituto Pretos Novos.

Casa da Tia Ciata

A Casa da Tia Ciata é a sede da Organização dos Remanescentes da Tia Ciata (ORTC), localizada na rua Camerino, próxima ao Cais do Valongo. A ORTC, coordenada pela Gracy Moreira, bisneta da Tia Ciata, é responsável por ações que visam preservar e exaltar a memória e os legados da mulher que trouxe, nos seus tabuleiros, saberes vitais para a manutenção da vida. Trata-se de dona Hilária Batista de Almeida, a Tia Ciata.

Perguntamos a Gracy sobre a importância do trabalho da Casa da Tia Ciata para o território, ao que ela respondeu:

— A importância da Casa da Tia Ciata dentro desse território, que muitos chamam de Porto Maravilha por causa da reforma do Porto, mas é o território da Pequena África, esse território que compreende o Santo Cristo, assim como a Cidade Nova e a Saúde. Travamos uma batalha a cada dia para a valorização desse local. Então, diante dessa valorização, entramos em audiências públicas e relatamos fatos relevantes para poder ter a sua preservação, a preservação desse local que é de memória e de memória viva.

Para a Gracy, o Cais do Valongo e a Pequena África fazem parte de uma terra sagrada, cujas riquezas precisam



Foto :: Karen Eppinghaus

ser respeitadas e preservadas. Para isso, a Casa da Tia Ciata realiza trabalhos de educação patrimonial, o que inclui oficinas, cortejos, palestras, projetos educativos e ações comunitárias:

— A gente tem várias atividades, porque damos cursos, oficinas. As oficinas, geralmente, são: jongo, capoeira, dança afro, maculelê, tambor e canto. Temos o guiamento pela Pequena África. Trata-se de um guiamento turístico com um recorte étnico-racial,

porque a gente fala de Tia Ciata, que é o nosso circuito aqui. O circuito é chamado “Caminhos de Ciata: a matriarca do samba da Pequena África”. Além disso, temos o projeto da Roda de Samba da Cabaça, onde falamos de autores e compositores. Também temos um projeto chamado OruMbya, uma conversa entre cosmovisões negras e indígenas, de onde nasceu a primeira jornada internacional entre as culturas afroindígenas e suas astronomias.

Instituto de Pesquisa e Memória Pretos Novos (IPN)



Foto: Acervo IPN

No conjunto das instituições comprometidas com a educação patrimonial, os vizinhos destacaram também o Instituto de Pesquisa e Memória Pretos Novos (IPN). Trata-se de um lugar de referência para a memória afro-brasileira, pois, no local do instituto, após uma reforma despretensiosa no espaço, a coordenadora Mercedes Guimarães, que na ocasião era a dona da casa, encontrou ossadas humanas. Pesquisadores descobriram ali uma vala comum, onde africanos que não resistiram à travessia do Atlântico sucumbiram, sendo conhecidos

como “pretos novos”. Nesse sentido, o IPN cumpre um papel muito importante para a educação patrimonial, a fim de historicizar e sensibilizar os visitantes.

Com a palavra, Alexandre Nadai, Coordenador de Comunicação, Produção e Projetos do IPN. Ele ressalta a importância do instituto e do projeto Circuito de Heranças Africanas para a prática da Lei 10.639 e da Lei 11.645, que tornaram obrigatório o ensino de História e Cultura africana e afro-brasileira no ensino fundamental e médio:

— A gente tem esse papel de conscientizar esses educadores, trazer os alunos para fazer o circuito, porque se a gente não forma os educadores, isso [a Lei 10.639] não reverbera dentro da sala de aula. Vai ser só mais um passeio com uma série de turmas. Então, procuramos capacitar os guias, o que não é exclusividade do IPN. A gente faz os cursos de capacitação para guias de turismo para tratar desse recorte [racial], para que essa história seja passada com a visão descolonizada.

BIBLIOTECA COMUNITÁRIA

A região portuária possui muitos trabalhos comunitários de incentivo à leitura, nem sempre focados nos livros. Mas, a partir deles, essas ações pretendem alargar a leitura do mundo. Alguns desses trabalhos estão aqui, cada um com as suas motivações e realidades.

Biblioteca Elma



Gustavo Perdigão

As irmãs do projeto, Tassiana, Margarete e Sônia, inicialmente, criaram o espaço para cuidar das demandas alimentares das crianças. Esse trabalho evoluiu à medida que elas ressignificaram o espaço com a sua maneira de ocupá-lo, fazendo do momento da alimentação um tempo para brincadeiras e para reforçar os conhecimentos adquiridos na escola. Daí surgiu a ideia da biblioteca, onde as crianças podem estudar e criar materiais com desenhos e pinturas, além de ter uma sessão de cineminha com pipoca.

A irmã Tassiana conta como ela foi atraída para o projeto:

— Peguei amor pelas crianças e pelo trabalho através da dona Sônia,

vendo o esforço dela, a correria dela para buscar todo ano, no mês de Natal, uma ajuda de cestas básicas e da Ação da Cidadania. Todo mês a irmã Sônia trazia alimentos e ela começou a me convidar para distribuir as cestas. Foi me convidando e eu fui me apegando mais à essa causa. E hoje eu estou aí, agrupada nesse projeto.

Hoje, a Biblioteca Elma conta com doações de materiais didáticos e alimentos e com as motivações da dona Sônia, fundadora do projeto cujos valores se referenciam na doutrina cristã evangélica:

— Trazer as crianças, trazer os adolescentes para que eles cresçam fazendo o bem.

Viaduto Literário



Foto :: Acervo Viaduto Literário

O projeto do Viaduto Literário, conduzido pela Tia Marcinha, realiza trabalhos de leituras e reforço escolar para crianças e jovens, com a finalidade de provocá-los a ver, sentir e agir no mundo de modo mais expandido. Tia Marcinha, como é carinhosamente conhecida, alça a criançada para o papel de protagonistas do projeto, tendo responsabilidades com a coletividade. Não apenas as crianças, mas também suas famílias são mobilizadas para construir o projeto Viaduto Literário.

— O Viaduto começou com duas pessoas, eu e a Fátima. De repente, tinham umas mães que estavam conosco e que acabavam trazendo

as crianças, e a partir dali a gente precisava de ajuda. A mãe acabava me auxiliando nesse sentido, na hora do lanche para cortar o pão, passar manteiga, pegar um suco. Começamos a publicizar isso nas redes e, a partir de então, as pessoas de fora começaram a ter interesse, e muitas outras, de muitos lugares, passaram a se voluntariar.

Durante a pandemia, o Viaduto Literário se viu diante de uma encruzilhada. Sem poder realizar os encontros tão costumeiros, teve de se reinventar, ao passo que a necessidade de acolhimento aumentou exponencialmente.

— Chegou a pandemia e eles foram embora. O Viaduto acabou, não podia mais acontecer, embora a necessidade de acolhimento aqui no território tenha crescido demais. Daí começamos a trabalhar com as cestas básicas. Surgiu a possibilidade de distribuição e, com isso, muitos voluntários daqui surgiram. Eles estavam aflitos por estar há tanto tempo em casa. Foi quando começaram a se voluntariar os jovens do território, que são os voluntários atuais do Viaduto Literário.

Biblioteca Comunitária do Caju



Foto :: Acervo Biblioteca Comunitária do Caju

Outra experiência de biblioteca é a que fica localizada no Caju, na sede da Fundação Gol de Letra. Trata-se de um espaço composto por cada indivíduo que faz uso dele, ou seja, um lugar orgânico, onde linguagens são mobilizadas pelos moradores das comunidades do Caju e pelos educadores.

— Dispomos de um acervo de mais de 3.000 livros, que são disponibilizados para empréstimos, livros estes que costumam inspirar a contação de histórias e as oficinas educativas. Realizamos também exposições de arte, formação de agentes multiplicadores de leitura; promovemos encontros com

escritores, diálogos entre educadores, cine biblioteca, saraus, batalhas de poesia (SLAM), festivais culturais e, também, uma ação de itinerância, que circula diferentes regiões do território.

A Biblioteca Comunitária do Caju realiza um trabalho que tem se destacado pelo desenvolvimento da oralitura por meio das práticas artísticas, estimulando a juventude local a se expressar no mundo.

— Assim, nossas ações têm como foco, evocando um jargão bastante usado por aqui, “colocar o Caju no mapa!”, na cartografia das possibilidades e potências que florescem no território.

A arte e a convivência, no território da Pequena África, estão presentes em diversos formatos e linguagens, da culinária às artes visuais. Lanchonete ↔ Lanchonete e Entretempos são dois projetos que mobilizam as pessoas do território para compartilhar memórias e talentos.

Lanchonete ↔ Lanchonete

Foto :: Gustavo Perdigão



O projeto Lanchonete ↔ Lanchonete (L↔L) possibilita um espaço de encontros e trocas, pensado a partir de para os moradores do Morro da Providência, da Gamboa e das ocupações adjacentes. Trata-se de um projeto cujos interesses incidem sobre a construção de novos modos de ser, agir e pensar no mundo.

— Um movimento que pensa, se organiza e compõe novas inteligências a partir de múltiplos

corpos, que resistem contra a reprodução estrutural da violência, do racismo, da fome e da injustiça social, pensando a urgência de se pautar pelas questões essenciais para a restituição de humanidades negadas em suas ações.

No Lanchonete ↔ Lanchonete, a comida está presente como elemento central dos encontros, valorizando os saberes culinários do território de origem das cozinheiras da região,

que compartilham esses conhecimentos acumulados e adquiridos. Não apenas pela comida, mas pela possibilidade que o gesto de estar reunido ao redor da mesa produz para pensar, coletivamente, as pautas importantes para o cotidiano local.

— A L↔L consolidou-se a partir da ocupação espontânea e diária do seu espaço pela comunidade, impactando diretamente na vida das crianças e seus relativos, e indiretamente na vida de mais de uma centena de pessoas. O público que frequenta o espaço por decisão própria, ativo, pertencentes ao lugar e ao projeto, desfrutam de todas as dinâmicas gratuitamente.

Thelma Vilas Boas, coordenadora do projeto, quando perguntada sobre o público, arremata:

— Lanchonete é das crianças da Pequena África e de tudo que implica em suas existências. Foi inventada e segue sendo inventada com, por e para elas!

Entretempos



Foto :: Nayane Silva

O projeto Entretempos: Imagens-Memórias do Morro da Conceição reúne um grupo de artistas mulheres e moradoras da Conceição, que decidiram intervir na paisagem do morro a partir das conversas e convivências com os seus moradores. Ítala fez questão de frisar a metodologia do projeto: a conversa. A conversa mediu a costura dessa rede, juntou histórias locais e materializou esses encontros em obras de arte com múltiplas expressões visuais: fotografias, vídeos, colagens e grafites.

— Eu vim para o Morro da Conceição em 2018 e, de lá pra cá, já desenvolvi alguns projetos. Eu queria fazer algo que tivesse a ver com a memória. E aí escrevi o ENTRETEMPOS. Convidei um coletivo de três grafiteiras e mais uma artista visual e fotógrafa, que é a Aparecida Silva, do Coletivo Dulcineta (Cali Nassar, Gaya Raquel e Luna Jatobá). Também incluí no projeto — principalmente por conta da necessidade de estimular a economia criativa do lugar — a seleção, por meio da chamada aberta, de profissionais de cultura que fossem moradores da zona portuária.

Sobre as motivações do projeto para o Morro da Conceição, perguntamos se Ítala tinha o intuito de homenagear alguém, já que algumas imagens rememoram alguns personagens importantes do local, como a Tia Lúcia. A resposta acena para a evocação de legados muito mais que para as homenagens com fim em si mesmas:

— Não é uma homenagem. A gente não está fazendo uma homenagem. A gente está trazendo, está valorizando essas memórias do ponto de vista dos moradores, e está mapeando isso. Está produzindo visibilidade. Mas, ao mesmo tempo, a gente também está se colocando nesse lugar necessário, nessa seleção. Quando você me pergunta para quem é, eu só posso lhe dizer que é para os que virão.

As ações sociais visam combater as dificuldades que as pessoas do território enfrentam, tanto para a melhora da qualidade de vida como para o oferecimento de oportunidades através da formação. Seguem alguns desses exemplos.

Associação de moradores do Morro da Providência

Foto: Gustavo Perdigão



O Morro da Providência ficou mais velho no último dia 22 de novembro, completando 125 anos. A primeira favela do Brasil ainda enfrenta desafios em relação ao saneamento básico, à empregabilidade e à inclusão digital. Paulinho, presidente da Associação, encara tais problemas

no seu cotidiano buscando melhorar as condições de vida e gerar oportunidades para os moradores.

— O correto é procurar meios de capacitar os jovens para poderem ter um futuro e gerar recursos. E para tirar as crianças do meio dos becos,

valorizar o idoso com algum tipo de projeto. Trazer a escola de ensino fundamental para dentro da comunidade, gerar meios reais de transporte para o ir e vir do morador. Às vezes, o morador sofre subindo a pé, porque não tem o dinheiro da passagem para pagar um mototáxi e o teleférico está parado. Transporte que gera tráfego, gera emprego. Dá condições para o morador subir e descer. É gratuito. Além de trazer a economia para dentro.

Sobre a estrutura da qual a Associação dispõe atualmente, Paulinho tem planos para retornar com benefícios aos moradores:

— Temos salas, inclusive, que a gente estava tentando alugar para gerar recursos, para gerar cesta básica e para pagar um pão ao morador. Temos uma estrutura até razoável. Para os moradores que ainda estão com necessidade e que não podem comprar um gás, a gente procura parceiros para doar gás, mas é limitado. Então, as coisas são limitadas. Agora faltam meios, porque vontade e espaço a gente tem.

Centro de Treinamento Eduardo Cardoso



Foto: Gustavo Perdigão

O CT Eduardo Cardoso oferece chances para os jovens do Morro da Providência desenvolverem suas habilidades nas diversas artes marciais. Eduardo Cardoso, conhecido como Eduardo Cachorrão, encontrou nas artes marciais uma maneira de ressignificar sua trajetória. Juntos, mestre Flavinho e Cachorrão ocuparam um espaço sem função e deram a ele um sentido que repercutiu na vida de muitos jovens.

Mestre Flavinho, um dos idealizadores do projeto, revela a sua motivação para realizá-lo:

— A minha é a mudança de vida. Não a que eu vivia, vivia há um tempo no tráfico. Eu queria mudar de vida, né?

É isso que me fortaleceu. E eu, através dessa esperança, dessa oportunidade dada pelo projeto, vi que dava pra mudar de vida através da educação, através da aula de capoeira. E aí fui intensificando cada vez mais o projeto aqui na minha comunidade, mostrando que é possível ter uma mudança através da educação e do esporte. É só a gente direcionar os jovens para aquela atividade e para a educação ali que, com certeza, se tiverem oportunidade, uma mudança vai vir.

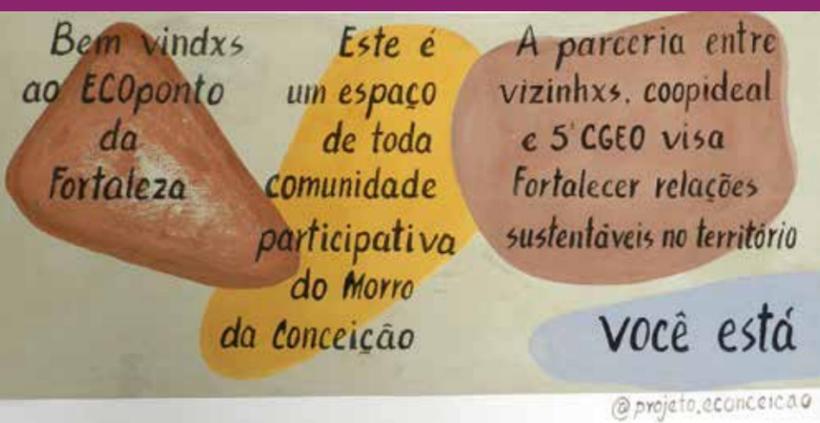
Além do CT, o espaço conta com uma biblioteca, chamada de Biblioteca Dodô da Portela, em homenagem a uma figura marcante do Morro da

Providência. Mestre Flavinho explica a função desse espaço para as crianças:

— A biblioteca fica aberta às crianças que vão fazer a atividade aqui. Elas passam lá, pegam o livro, levam para casa e depois devolvem, entendeu? Até as pessoas que moram aqui, as crianças que moram aqui na frente. De vez em quando, elas vêm. Daí pegam o livro, levam para casa e depois devolvem o brinquedo.

Projeto EConceição

Fotos :: Gustavo Perdigão



O projeto EConceição surgiu em diálogo com as vivências da Aldeia Maracanã, como uma possibilidade de viver o espaço urbano com práticas mais sustentáveis. Para isso, ocuparam um terreno sem uso no Morro da Conceição, dando a ele um sentido comunitário, o Jardim Igbo-Aimirim. A idealização do projeto EConceição foi coletiva, tendo partido de um grupo de vizinhos do Morro da Conceição e das atuais gestoras, Drika Machado e Thaís Chillinque – também moradoras.

— Acho que o coletivo que compõe a concepção é de moradoras e moradores do Morro mesmo. E tem muitos artistas aqui na nossa comunidade também. Na nossa trajetória, a gente buscou atividades que pudessem conectar pessoas e projetos que tenham afinidades com práticas mais sustentáveis.

O projeto também realiza ciclos de oficinas, com o objetivo de fazer circular os conhecimentos voltados à ecologia, à permacultura, à bioconstrução, à compostagem e ao plantio de espécies nativas. Trata-se também de um projeto com fins educativos.

— As pessoas podem chegar e tirar suas dúvidas, conhecer. É um lugar de cultivo e de produção de memórias também, reunindo os saberes ancestrais deste lugar. Por isso, a ideia do jardim é tecida de uma relação com a natureza. E a gente resolveu realmente criar um tipo de enfrentamento já a partir do nome também, né? Então, sem querer dar conta de fechar um significado exclusivo absoluto para esse nome. Mas a gente realmente pensou que trazer a cultura iorubá para tupi-guarani nesse nome, nessa floresta de pequenas formigas, também já diz um pouco sobre como a gente está querendo cultivar.

MIP – Mulheres Independentes da Providência



Foto :: Douglas Dobby

O coletivo “Mulheres Independentes da Providência” (MIP) teve, em sua concepção, o objetivo de acolher as mulheres cujos filhos participavam de algum projeto oferecido dentro da Casa Amarela. Esse coletivo, que atualmente conta com cerca de 30 mulheres e é coordenado por Mirian Generoso, se tornou não apenas um lugar de escuta e apoio mútuo, mas também passou a investir na profissionalização dessas mulheres, capacitando-as e possibilitando sua independência financeira. Segundo Mirian, o coletivo tem em sua essência duas missões:

— A primeira missão é ser potencializador das mulheres, com ações e atividades na construção coletiva que as estimulem ao autocuidado, ao pensamento crítico, ao pertencimento, à articulação territorial, ao fortalecimento da rede de apoio, à valorização da autoestima e do

bem-estar, ao empoderamento coletivo e à partilha de vivências, de modo que se fortaleçam e possam impactar de forma mais positiva seu núcleo familiar e outras mulheres ao seu redor. A segunda missão é capacitar e profissionalizar as mulheres através de programas de alfabetização, mentoria e empreendedorismo, com o apoio de parceiros preocupados com os impactos causados pela pouca assistência do poder público ao grupo socialmente mais vulnerabilizado, que são as mulheres negras, não brancas e faveladas.

As atividades do coletivo, desde sua fundação em 2019, acontecem dentro das instalações da Casa Amarela, instituição localizada no alto do Morro da Providência, conhecida por se tratar da primeira favela do Brasil. Nesse sentido, refletir por meio desse recorte, o do pertencimento, é o que

mobiliza e atravessa os projetos concebidos pelo coletivo.

— A principal relação é o pertencimento que as mulheres têm com o lugar em que vivem, moram, criam suas famílias, histórias, amigos e toda uma rede de relação afetiva, que foi construída ao longo de suas vidas com gerações passadas e futuras. As ações de fortalecimento, propiciadas pela construção coletiva com as partilhas de saberes e vivências que os encontros das mulheres promovem, impactam positivamente no território, produzindo narrativas próprias de articulação territorial de quem mora no Morro, além de contribuir com a construção sócio-histórica do Morro da Providência – ressaltando, assim, a importância da primeira favela do Brasil e a relevância dessas narrativas para a região portuária e a Pequena África.



Fotos: Alexandra Cerqueira

CRIA do Caju

Aulas de teatro voluntárias se desenvolveram numa metodologia própria e, eventualmente, numa escola de teatro realizada com, pela e na favela.

Laura tinha dificuldade de aprendizado na adolescência, mas encontrou no teatro sua vocação para os estudos. Ela foi convidada por sua ex-professora a participar de uma das maiores escolas de improvisação do país, fato que mudaria o rumo de sua história: “Que tal conhecer o projeto AfroReggae?” A visita, que deveria levar um dia, durou seis anos. Tendo como colegas de classe ex-traficantes e pessoas egressas do sistema prisional, ela aprendeu muito sobre a comunicação e as relações dentro das regiões periféricas, onde encontrou a experiência que sempre buscou no teatro.

Enquanto os estudos de licenciatura estavam em andamento, seu talento

como educadora de artes cênicas para alunos de escolas públicas de periferias e favelas se desenvolvia. Recebeu, então, um convite para dar aulas na unidade do Complexo de Favelas do Caju, onde se tornou a principal responsável pela educação dos adolescentes. No entanto, após dois anos, esse programa foi interrompido por falta de investimentos, tendo suas atividades encerradas. Uma janela de transformação e desenvolvimento se fechava, mas algo muito maior estava por vir.

A partir da iniciativa do aluno Bruno Cardoso, que recorreu ao CRAS, a trupe de teatro do Caju estava renascendo. Surgia, assim, o núcleo de

criação CRIA. Nas favelas cariocas, “crias” são aqueles que nasceram, se desenvolveram e dominaram suas regiões: “cria não é criado”. E o projeto, que já respirava há tempos, passou de fato a existir. Nas incessantes buscas por um palco, viram numa quadra de futebol um local possível para o encontro de estudos aos domingos, os processos criativos e os ensaios. A partir da montagem do espetáculo “Cortejo Favela”, o projeto cresceu e o grupo foi contemplado por um programa de metodologia inovadora, originando, assim, o Método CRIA. Além disso, foi possível encontrar um espaço próprio e aumentar a rede de apoiadores e financiadores.

Com a pandemia da covid-19, contudo, a escola precisou redirecionar o seu foco. O projeto CRIA, com a colaboração de diversas associações de moradores e do poder público municipal, iniciou uma tarefa de ajuda humanitária, distribuindo cestas básicas, de forma a priorizar as famílias em situações de maior vulnerabilidade. Por um longo período, essas foram as únicas instituições que se mobilizaram para garantir a sobrevivência da população local durante a pandemia. A ação também construiu pontos de higienização pela favela, instalando caixas d’água, pias e recipientes de sabão – fruto da parceria com o projeto Engenheiros sem Fronteiras e ONG Habitat para a Humanidade –, além de distribuir álcool em gel e, durante a Páscoa, ovos de chocolate.

Um projeto que antes era desconhecido por boa parte da população, sem espaço e sem nome se tornou referência em todas as suas ações, tendo sido contemplado, devido aos feitos durante a pandemia, com o Prêmio de Ações Locais da Secretaria

Municipal de Cultura. A inauguração da sede ocorreu em abril de 2022, assim como o retorno das aulas.

Além do teatro, o projeto CRIA oferece aulas de letramento, música e educação ambiental, e tem mais de 105 alunos entre 3 e 21 anos de idade. O programa de letramento é o mais essencial, pois a busca por aprendizado se faz presente, visto que muitos desses alunos abandonaram a escola durante a pandemia, quando a luta pela sobrevivência era mais urgente. O projeto CRIA se tornou a única referência educacional, resultado também da escassez de ofertas das escolas públicas. A arte se transformou em elemento de atração para a educação. O programa de doação de cestas básicas continua, com suprimento mensal destinado às famílias que têm alunos matriculados no projeto.

O local é um núcleo de potência ativista e cultural, com jovens que não deixam de realizar seus sonhos, mesmo com tão pouco. Jussara Soares, cria do Caju, é professora de letramento; Daiana Pupe, professora de teatro; Davi Araújo, outro cria, monitor de educação

ambiental; e, com eles, mais de 40 voluntários mantêm a máquina de humanidade em funcionamento. Atualmente, o projeto participa de feiras do Projeto Gira Rio, com toda a renda revertida para os programas.

Recentemente, com a peça “Eles não usam *black-tie*”, lotaram as sessões no bairro com o metro quadrado mais valioso da cidade. O núcleo criativo do projeto CRIA segue compondo e produzindo novas peças teatrais. As cortinas seguem abertas, as luzes permanecem acesas e o espetáculo continua.

Saulo Nicolai

É artista visual, fotógrafo e ativista social. Trabalha, produz e desenvolve projetos artísticos e sociais em causas que envolvem reflexões sobre a população moradora de favelas e periferias.



Recusa



Foto: Acervo RECUSA

A costura como memória, tecimento de fio entre os tempos, de recurso passado entre gerações, um recurso político e socioeconômico.

Minha história com a costura e com a moda começou na infância, pois cresci vendo minha mãe costurar para fora. Foi esse trabalho que lhe possibilitou estar em casa para me criar de perto e prover nosso sustento. Minha avó e minha tia também costuravam e, junto da minha mãe, faziam conjuntinhos de retalho para vender às crianças do Morro: três conjuntinhos, compostos por short e camiseta, custavam 1 real. Meu pai, além de ter trabalhado boa parte da vida como entregador em uma fábrica de camisetas, montou com minha mãe, quando eu era criança, uma marca de roupas chamada Renatinha Moda Rio. Outro dia, minha mãe achou um rolo dessa etiqueta e guardei de recordação.

Então, mesmo antes de eu pensar, querer ou saber, já tinha uma vida atravessada pela moda e pela costura. Infelizmente, o trabalho de costureira, desvalorizado no mercado até hoje, fazia com que minha mãe trabalhasse por horas na máquina para conseguir ganhar o mínimo. Sendo assim, esse não era um ofício que eu almejava ter como profissão, bem como seu aprendizado não era incentivado pela minha família.

A busca pelos estudos no campo da moda surgiu já na minha fase adulta. Meu interesse nesse ramo foi pela modelagem, processo em que se desenvolve o molde de uma roupa a partir da geometria. Comecei a buscar conhecimento na área e me apaixonei: participei de cursos e estudei sozinha

para me aperfeiçoar – a maior parte do conhecimento que adquiri na costura e na modelagem foi autodidata. Acredito que esse conhecimento ancestral já estava dentro de mim, só pode!

No ano de 2014, criei minha primeira marca, chamada Lotu's. Era uma marca de moda feminina, que não durou muito tempo; afinal, para empreender, não basta apenas querer e saber fazer o produto. É necessária uma estrutura por trás e, na época, eu ainda não estava madura o suficiente para um negócio desse tipo. Além de tudo, empreender na moda sendo favelada não é nada fácil, já que esse é um dos segmentos de mercado mais caros e elitistas para se investir.

Em dezembro de 2017, em uma nova tentativa de empreender, criei a Recusa, marca de moda agênero que pensa o vestuário a partir da memória e da minha relação com a favela e o território. A Recusa tem como pilares: a valorização dos meios de produção, principalmente da costura; o compromisso com a sustentabilidade social, fazendo com que o dinheiro circule no nosso território favelado e contratando, desse modo, profissionais da região; a criação de um vestuário atemporal, sem estimular o consumo desenfreado, proporcionando uma moda consciente pensando o *slow fashion*; e, por fim, a produção com o mínimo de desperdício, doando as sobras para a confecção de acessórios.

Além de estar à frente na produção e condução da Recusa, desde 2020 faço parte do coletivo Mulheres Independentes do Morro da Providência (MIP) e atuo como professora de costura e modelagem na Casa Amarela. Ao longo desse período, vivenciei a experiência incrível de compartilhar esse conhecimento com as mulheres do meu território. As alunas são, em sua maioria, donas de casa de meia-idade que precisam de alguma fonte de renda e têm o tempo ocioso, ou seja, um público que não recebe tanta atenção nas oportunidades de capacitação. Meu objetivo, então, é proporcionar a essas mulheres um aprendizado que favoreça sua independência, seja financeira ou profissional. Atuando como empreendedoras, criando produtos ou vendendo serviços, elas transformam a lógica desse ofício, no qual quem coloca o preço no nosso trabalho somos nós mesmas.

Renata Alves

É cria e moradora do Morro da Providência, Sou da quarta geração de costureiras da minha família, modelista, designer de moda, figurinista e professora de costura e modelagem.



Foto: Douglas Dobby



Fotos :: Saulo Nicolai

A Roda é um gerador de energia

O hip-hop conseguiu retomar a tradição de protestos sociais da Central do Brasil à Praça dos Cajueiros com a realização das rodas, que não se limitam à música e a conjugam com diferentes manifestações políticas.

Nossa trajetória teve início em março de 2018. Há cerca de 4 anos, quando a praça dos Cajueiros, localizada atrás do terminal rodoviário Américo Fontenelle, na Central do Brasil, ainda era um espaço ocupado apenas por pessoas em situação de rua e de vulnerabilidade social. Neste espaço, o cenário era o de uma cracolândia: muito lixo, restos de sucata de carros e pessoas que viviam em situações degradantes de existência.

Dentro desse triste contexto, a Roda de Rap da Central entrou em cena para ressignificar o espaço, com o intuito de criar um projeto que agregasse a comunidade. Ao passo

que iniciamos o primeiro movimento de mobilização para ocupar a praça com um trabalho cultural, os moradores do entorno aderiram e compraram a ideia. Aos poucos, eles trouxeram os materiais necessários para possibilitar a revitalização da praça: tinta, pedra e cimento foram doados num esforço coletivo, em prol de um objetivo em comum, isto é, o de ressignificar a Praça dos Cajueiros e estabelecê-la como ponto de encontro, lazer, cultura e arte.

Com a praça revitalizada, as batalhas de rap passaram a acontecer todas as quartas-feiras, às 19h. E, desde então, nunca mais pararam. Ao lado de

Ivanildo (Paizão), José Parente (Velho Sábio) e Breno (Dj Kashin), iniciamos a movimentação para fomentar a cultura hip-hop dentro do território. Nesse mesmo período, eu, GTA, um dos autores deste texto, vivenciei um momento delicado, que atingiu todo o coletivo e causou reformulações dentro da equipe: tive minha prisão decretada no mesmo ano, em 2018, restando para o CJNK a missão de coordenar e conduzir o movimento que começamos. Inclusive, no dia pré-estabelecido para acontecer o meu julgamento, a Roda Cultural da Central marcou presença, apoiando, fortalecendo e realizando uma batalha de conhecimento.

Após 3 anos desse acontecimento, a Roda foi contemplada pela Lei Aldir Blanc, com o objetivo de aperfeiçoar e manter o espaço. A pedido dos moradores, houve a construção de um altar para São Cosme e São Damião, dado o número de crianças que moram e frequentam o espaço. Além desse objetivo, o documento da Lei Aldir Blanc legitimava a Roda frente às abordagens policiais; afinal, agora tínhamos um documento do Estado a nosso favor.

A Roda ganhou notoriedade e inúmeras edições. Realizamos eventos voltados para a Consciência Negra, como o que ocorreu em 2020. Vários artistas como Big Jaum, Leal, Velho Sábio e artistas da comunidade da Radiola Music estiveram presentes, prestigiando o espaço e a iniciativa cultural apoiada pelos moradores. Nesse mesmo ano, compomos, com outros coletivos, no 21 Dias de Ativismo contra o Racismo, onde realizamos uma roda de rap voltada para o tema de batalha “Conhecimento e relações raciais”.

Durante a pandemia, a Roda Cultural da Central se juntou com outros coletivos de roda de rima – projeto que ficou conhecido como Rap Resistência Viva –, e arrecadaram cestas básicas com o apoio de instituições e coletivos vizinhos. Esse é o papel social que acreditamos que o hip-hop carrega.

A Roda revela talentos dentro dos elementos do hip-hop, como o MC que gosta de brincar com as palavras, a pessoa que dança break ou alguém com o laptop para tocar beats plugados em caixas amplificadoras. Muitos talentos desse movimento são gerados numa praça que antes era uma cracolândia, onde pessoas perderam a vida, assassinadas ou por overdose de entorpecentes. Por isso, tendo o hip-hop como gerador de energia, esse espaço passou a ser um lugar para celebrações e lazer, onde são realizadas festas juninas, aniversários e distribuição de doces nos dias de São Cosme e São Damião; ou seja, um ponto de encontros festivos da comunidade.

GTA

Rodrigo Manoel, conhecido como GTA, tem 25 anos e é um dos fundadores da Roda Cultural da Central. GTA é ex-trafficante e viu o rap como uma válvula de escape para se reinventar na vida e na Arte. GTA é um dos expoentes do cenário carioca da cultura hip-hop e uma das promessas do Morro da Providência, localizado no centro da cidade.

CJNK

CJNK, além de ser um dos fundadores da Roda Cultural, juntamente com GTA, é também rapper, artista, barman, produtor cultural e representante da Batalha do Real. Oriundo da Lapa, atualmente se divide entre o bairro boêmio e o Morro da Providência, região que o inspira e de onde retira referências, ao observar o dia a dia da comunidade, para a criação de suas músicas.



RESTAURAÇÃO MORRINHO

Observação brincante

Foto : Beatriz Gilmenes

Com crianças que vivem nas ocupações vizinhas do Museu, a oficina foi um espaço para, através da brincadeira, promover novas imaginações sobre a cidade e torná-las realidade.

Qual é o papel de um educador num museu? Essa pergunta está no meu radar todas as vezes em que participo ou atuo em ações educativas. Em comemoração ao dia das crianças, tive a oportunidade de participar de uma atividade educativa proposta pelos educadores da Escola do Olhar, do Museu de Arte do Rio (MAR). A ação propunha receber crianças da região portuária para participarem da intervenção da obra Morrinhos, que está no espaço dos pilotis do Museu passando por um processo de restauração coordenado por Cirlan Oliveira, artista integrante do coletivo da favela Pereira da Silva, em Laranjeiras.

As ações para as cidades e para os espaços de cultura, bem como as políticas públicas, geralmente, são pensadas e postas em ação por adultos brancos que contemplam, de certa maneira, outros cidadãos adultos. Porém, com frequência, essas ações desconsideram os desejos e o futuro de boa parte da população, como os anciãos e, sobretudo, as crianças.

Nesse sentido, a distância que marca o tempo de vida transcorrido da infância até a idade adulta e a anciã é a passagem do tempo e sua permanência e experiência em habitar cidades, aldeamentos e vilas. E, muitas vezes, os modos de viver modernos excluem e não consideram aqueles que estão nas pontas, que representam o passado e o futuro das cidades, ainda que leis específicas tenham sido criadas para garantir seus direitos. E o que vemos cotidianamente é o apagamento ou a invisibilidade dos direitos das crianças e dos idosos. No entanto, os museus podem ser esse espaço onde se reencontra um lugar de fala e da afirmação de direitos.

Retomando a atividade educativa, na qual eu estava exercendo minha observação brincante, tive o prazer de interagir com as crianças que vivem em uma ocupação próxima ao Museu, juntamente com outras crianças da região portuária. Inicialmente, essa poderia ser uma atividade carregada de muitos desafios e questões. Como seria falar

sobre pertencimento e direito à moradia, ou mesmo sobre outros direitos assegurados no texto constitucional, para esses pequenos cidadãos, que não os vivenciam? Como abrir as portas de uma instituição de cultura e memória, como um museu, para pessoas que não têm acesso aos direitos básicos de saúde, educação, cultura e alimentação de qualidade? Como falar de memória e história para pessoas invisíveis aos serviços da cidade? Como educadora, sempre vivo conflitos e dilemas como esses, sobretudo quando preciso propor atividades para as crianças. Nesses casos, minha maior preocupação está em estimular nelas a autonomia, o ludismo, a criatividade e o espírito crítico.

A atividade proposta teve início com a chegada das crianças e dos demais participantes no primeiro andar do MAR. Depois, subimos para o segundo andar, onde havia uma farta mesa de café da manhã. Em seguida, foram propostas ao grupo uma atividade corporal e a produção de uma cartografia afetiva do território

onde vivem. Crianças e adultos foram convidados a representar um mapa das brincadeiras, dos lugares que gostavam e também daqueles em que tinham medo de estar ou de que não gostavam.

A etapa seguinte aconteceu próxima à instalação Morrinhos, coordenada pelo artista idealizador e com a participação de todos nós, educadores, crianças e adultos. Todos receberam um tijolo, óculos de proteção, marretas e talhadeira para perfurar e cortar o tijolo, além de canetas, tintas e cola com *glitter* para personalizar sua casa, que seria incorporada à obra.

As crianças foram acompanhadas individualmente pelos educadores e, rapidamente, as novas casas ficaram prontas e se integraram à instalação. Essa atividade de observação brincante me fez repensar minhas restrições quanto ao uso de determinados materiais e ferramentas. Por receio e extremo cuidado, eu acabava roubando das crianças certas experiências e a sua autonomia.

É importante ressaltar a potência do encontro que essa ação proporcionou entre moradores e vizinhos: um momento de trocas afetivas e estéticas, promovido e mediado por essa atividade de construção de uma moradia e de um lugar concreto de reconhecimento para a instalação. Nesse momento, éramos todos iguais, e nossa origem e nossa situação social haviam sido apagadas pela atividade lúdica em que, juntos, pudemos construir e fazer parte de uma cidade.

Tal ação evidenciou o caráter transformador das atividades artísticas e a importância das aproximações afetuosas entre as pessoas, adultos e crianças. Além disso, por ter sido realizada com crianças que moram de forma precária, no entorno do MAR, ela se



Fotos : Beatriz

configurou como “tática”, nos moldes do que fala o historiador Michel de Certeau. Uma vez que potencializou o encontro entre pessoas e contribuiu para a desconstrução de estigmas, foi possível frisar que crianças são sempre crianças, pessoas que ainda são livres de preconceitos, mas que têm direito a um futuro digno e, ao mesmo tempo, precisam de ambientes em que podem crescer livres, criativas e críticas.

Muitos foram os afetos gerados e trocados, dos quais se impregnaram todos que puderam partilhar e participar das atividades; sobretudo porque nos fizeram refletir sobre como seria possível lidar com tantas demandas e inventar táticas artísticas e sensíveis para enfrentar tantas emergências que nos cercam. E, nesse contexto de demandas complexas, qual seria o papel de arte-educadores que, enquanto planejam as atividades, são impactados pelo que ocorre durante os encontros?

Outro ponto importante é o fato de não sermos capturados pela culpa judaico-cristã ao interagir com o grupo, evitando um lugar em que se sobreponha a pena e a superproteção das crianças. Sendo assim, para a realização de atividades educativas, é preciso que haja o estabelecimento de combinados, regras, grande disponibilidade para uma escuta ativa, e, principalmente, muito afeto.

Por fim, gostaria de relatar que as horas que passei com o grupo de crianças e adultos também me afetaram – e essa experiência continuou a reverberar muitos dias depois. Agradeço o convite e torço para que ocorram outras experiências tão significativas como essa.

Maristela Pessoa

Maristela integra o programa Vizinhos do MAR. Ela é arte-educadora, mestre em artes, doutora em design e dedica a sua pesquisa às intercessões entre design, arte e educação e cultura popular.

RESTAURAÇÃO MORRINHO

Daqui não saio, daqui ninguém me tira

O território, o Museu e as conexões de afeto com crianças em situação de ocupação no quintal urbano.

As redes comunitárias da Escola do Olhar se conectam com as pessoas e com o território da Pequena África a partir dos cotidianos e das histórias que se constroem aqui. Certo dia, em um intervalo de almoço, parei para observar os meninos que davam piruetas em frente ao porto. Eram crianças de uma ocupação próxima ao Museu e eu quase não os via correndo nos pilotis, apesar de sermos vizinhos.

Morrinho é um projeto parceiro que caminha conosco desde a inauguração do Museu. A obra, que nasceu na comunidade do Pereirão, em Laranjeiras, reproduz o cenário da favela utilizando a materialidade que os artistas Cirlan Souza e Maycon Oliveira – à época com 14 e 8 anos, respectivamente – encontravam no

quintal de casa. Além de reivindicar o direito de brincar, aquela obra era uma forma lúdica de desafiar a percepção popular da favela. Quando surgiu a possibilidade de restaurar a instalação, desenhamos, junto com os artistas, um formato de oficina. Pensamos que seria uma boa oportunidade para tecermos uma relação mais próxima com essas crianças, de modo a investigar como elas se relacionam com o território e vice-versa, tendo como fio condutor um Mapa Afetivo da Vizinhança, construído a partir de lembranças, emoções e histórias, em suma, de pessoas e potências do espaço onde vivem.

Nosso encontro teve cineminha, dança, comida e pintura. Foi também permeado pelo afeto que nos foi direcionado e que pudemos ver nos

desenhos que elas fizeram dos educadores envolvidos na atividade. Mas, entre as múltiplas percepções que tivemos, a mais desafiadora foi entender que, se quisermos ser parte desse grande quintal urbano, onde é possível brincar de tudo, deveremos abraçar as diferentes formas de sociabilidade e todas as transformações que atravessam essa relação. Afinal, o MAR também é lugar de criança.

De TODAS as crianças.

Tatiana Paz
Educadora na Escola do Olhar.

POETAS DA REGIÃO

Poema-relato diário

Subiu o menino-moço
Antes de completar duas décadas
Última assinatura
Digitais em pigmentos vermelhos
Deixastes como herança
Olhos de sangue
Mar de lamentos
Lembranças.

Subiu o menino-moço
Alvo preto
Atingido pelo ódio
Quinto dia útil
Não houve fim de semana
Noite rastejou
Olhos de sangue
Mar de lamentos
Lembranças.

Subiu o menino-moço
Descendo as escadas da favela
Violado pela verba pública
Interesse público
Sonhos dilacerados
Esperança roubada
Olhos de sangue
Mar de revolta
Guerra.

Paz sempre foi sonho
Sonhos dilacerados
Pigmentos vermelhos
Guerra
Interesse público
Mar de lamentos
Subiu o menino-moço.

Verba
Sonho
Interesse
Sangue
Revolta
Guerra
Paz sempre foi sonho
Sonhos dilacerados
Mar de solidão
Solidão
Guerra.

Subiu o menino-moço
Alvo preto
Atingido pelo ódio
Mais um
Menos um
Paz sempre foi sonho
Mar de lamentos.

Saulo Nicolai

É artista visual, fotógrafo e ativista social. Trabalha, produz e desenvolve projetos artísticos e sociais em causas que envolvem reflexões sobre a população moradora de favelas e periferias.

POETAS DA REGIÃO

Mar de inclusão

Andando de lá pra cá,
achei museu-MAR,
Arquitetura que me encantei,
mais do que isso achei.
Fui entrando, me encontrando,
com passado conectado.

Conheci a Escola do Olhar,
Oportunidade de conhecer
transborda por lá
Não deixei escapar.

Andando de lá pra cá,
Com muito orgulho moro ao lado do mar,
Fui convidado para o Café com Vizinhos,
sou tratado com todo amor e carinho,
A galera toda reunida,
está quase virando nossa morada,
Nessa reunião, a inclusão social
é a principal convidada.

No museu-MAR, pude analisar,
que o investimento em EDUCAÇÃO
é o único caminho para desenvolvimento,
Este estabelecimento contribui para a transformação
social através da cultura.

Aqui é um Mar de inclusão
Não percam o próximo
Mar de música.

Diego Prazeres

Sou resiliente. Superei dificuldades na vida.
Hoje, congelo o tempo com a arte da
fotografia e vivo de cultura. A beleza das
cores me inspira, mesmo vendo a vida em
preto e branco. Prazer, sou poeta.

POETAS DA REGIÃO

Sobre andar nas ruas

Até hoje você tem medo
de estátua viva
Muda de calçada
e de mãos
quando acompanhada

Tem medo do susto
do movimento imprevisito
do olhar vago

Sabe que não há perigo
também sabe que a cor única
tem sua razão de ser
e vai além da mimese

O acinzentado ou cromado
é o nosso espelho escondido
o avesso do outro
o movimento que vai além da cor
e do que pensamos sobre a cor.

Um poema pra turma de museologia

O céu, o nosso verdadeiro céu
é poder sorrir à toa
com pessoas queridas
e voltar pra casa
com a cabeça erguida
e fechar os olhos
por alguns instantes
pra poder sentir
mesmo com rimas pobres
e palavras ricas
ricas do que a gente tem vivido.

Homem de areia

Hoje não é um dia difícil
“Por que deus não pode esperar?”
Não espere que eu diga
ou te mostre como sonhar
Não existem demônios
pra mandar embora
Um homem de areia
controla nossos sonhos
e pesadelos
Medos são histórias
A humanidade necessita
de algo maior do que ela.

Leveza

mais leve
o seu sorriso se abre
como as ruas
nos cruzamentos
como a sombra dos prédios
como sentir e tocar
mastigando o incerto
seu sorriso é você
ao descobrir a leveza
perpétua de querer
e estar.

Sidney Machado (33)

É poeta, ilustrador e artista independente.
Cursou letras e publicou seu livro
independente, *fraternidade das metáforas*,
em 2017.

Considerações finais

Até aqui, você conheceu uma pequena fração das pessoas e projetos que constituem a região portuária. Nosso desejo é que este jornal represente um convite para conhecer o território, carinhosamente conhecido como Pequena África: as histórias que atravessam gerações, os patrimônios materiais e imateriais, os anônimos que, assim como seus ancestrais que desembarcaram no Cais do Valongo, criam, imperceptivelmente, maneiras de viver e conviver neste território.

Para nós, da Escola do Olhar, trata-se de uma responsabilidade trabalhar com um território marcado por tantos atravessamentos.

Yago Feitosa
Educador de Projetos da
Escola do Olhar



Foto :: Douglas Dobby

Edição Geral

Patrícia Dias
Ruanna Sander
Yago Feitosa
Wellington Ribeiro

Produção Editorial

Locomotora Produções

Revisão

Diadorim Produções Editoriais

Designer Gráfico

Augusto Batista

Impressão

WSM Gráfica

Colunistas

Alessandra Alves
Alexandre Nadai
CJNK
Diego Prazeres
Gustavo Perdigão
Rodrigo GTA
Ruanna Sander
Paula Carriconde
Renata Alves
Saulo Nicolai
Sidney Machado
Tatiana Paz
Maristela Pessoa
Yago Feitosa

Oficineira

Alessandra Alves

Fotos

Beatriz Gimenes
Douglas Dobby
Gustavo Perdigão

Cartografia dos coletivos, instituições e lideranças comunitárias

Associação de Moradores do
Morro da Providência
Casa da Tia Ciata
C.T Eduardo Cardoso
ENTRETEMPOS
Lanchonete Lanchonete
MIP - Mulheres Independentes
da Providência
Biblioteca Elma
Biblioteca Comunitária do Caju
Viaduto Literário
Projeto ECONceição
Instituto de Pesquisa e Memória
Pretos Novos (IPN)

Projetos da Região

Projeto CRIA
RECUSA
Roda Cultural da Central

**Organização dos Estados Ibero-
Americanos (OEI)**
**Organización de Estados
Iberoamericanos (OEI)**
**Organization of Ibero-American
States (OEI)**

Museu de Arte do Rio
Museo de Arte de Río
Rio Art Museum

Mariano Jabonero
Secretário-Geral da OEI
Secretario General de OEI
General Secretary of OEI

Raphael Callou
Diretor e Chefe da Representação
da OEI no Brasil
Director y Jefe de la
Representación de la OEI en
Brasil
*Director and Head of the OEI
Representation in Brazil*

Sandra Sérgio
Diretora Executiva do MAR
Directora Ejecutiva del MAR
Executive Director
Coordenadora Nacional de
Projetos Especiais da OEI no
Brasil
Coordinadora Nacional de
Proyectos Especiales de la OEI en
Brasil
*National Special Projects
Coordinator in Brazil*

Alexandro Lima
Coordenador-Geral de
Administração
Coordinador de Administración
General
General Administration
Coordinator

Amira Lizarazo
Coordenadora Nacional de
Administração e Finanças
Coordinadora Nacional de
Administración y Finanzas
*National Administration and
Finance Coordinator*

Rodrigo Rossi
Coordenador Nacional de
Cooperação e Desenvolvimento
Coordinador Nacional de
Cooperación y Desarrollo
National Cooperation and
Development Coordinator

Luiz José da Silva
Gerente Nacional de
Administração
Gerente Nacional de
Administración
National Administration Manager

Telma Teixeira
Gerente Nacional de
Implementação
Gerente Nacional de
Implementación
*National Implementation
Manager*

Lícia Moura
Gerente Nacional de
Desenvolvimento
Gerente Nacional de Desarrollo
National Development Manager

Fábio Ferreira Mendes
Gerente Nacional de Tecnologia
Gerente Nacional de Tecnología
National Development Analyst

Marcelo Campos
Curador Chefe
Curador Jefe
Chief Curator

Amanda Bonan
Gerente de Curadoria
Gerente de Curaduría
Curatorship Manager

Andrea Zabrieszsch dos Santos
Gerente de Museologia
Gerente de Museología
Museology Manager

Gisele de Paula
Gerente de Operações e
Patrimônio
Gerente de Operaciones y Activos
Operations and Assets Manager

Jaqueline Roversi
Gerente de Eventos
Gerente de Eventos
Events Manager

Marcelo Henrique Andrade
Gerente de Comunicação
Gerente de Comunicación
Communication Manager

Matheus Silva
Gerente de Planejamento e
Projetos
Gerente de Planificación y
Proyectos
Planning and Project Manager

Patrícia Dias
Gerente de Educação e Escola do
Olhar

Gerente de Educación y Escola do
Olhar
*Education and Escola do Olhar
Manager*

Stella Paiva
Gerente de Produção
Gerente de producción
Production Manager

Alexandra Souza
Assistente de Arquitetura
Asistente de Arquitectura
Architecture Assistant

Alverindo Borges
Oficial de Manutenção Hidráulica
Técnico de Mantenimiento
Hidráulico
*Hydraulic Maintenance
Technician*

Alice Silveira
Produtora da Escola do Olhar
Productor de la Escola do Olhar
Producer of Escola do Olhar

Amanda Minguta
Assistente Administrativa
Asistente Administrativa
Administrative Assistant

Amanda Rezende de França
Assistente de Curadoria
Asistente de curador
Curator Assistant

Andréia da Silva Oliveira
Educadora
Educadora
Educator

Bruna Nicolau
Museóloga
Museóloga
Museologist

Caroline Silva
Analista de Infraestruturas e
Sistemas
Assistente de Infraestructuras y
Sistemas
*Infrastructure and Systems
Assistant*

Caio Corato
Estagiário de Museologia
Pasante de Museología
Museology Intern

Cayo Lima
Assistente Administrativo
Asistente administrativo
Administrative assistant

Daiani Araújo
Educadora
Educator

Érika Monteiro
Coordenadora do Projeto
Percursos Formativos
Coordinador Percursos
Formativos
Coordinator Percursos Formativos

Fernando Porto
Educador Pleno
Educator

Gabriela Estolano
Educadora
Educator

Guilherme Marins
Educador
Educator

Herbert Miranda
Educador
Educator

Jean Carlos
Assistente de Curadoria
Assistente de curador
Curator Assistant

João Viveiros Jorge
Estagiário de Comunicação
Pasante de Comunicação
Communication Intern

Josecleiton dos Santos
Oficial de Manutenção Elétrica
Técnico de Mantenimiento
Eléctrico
Electrical Maintenance Technician

Karen Merlim
Bibliotecária
Bibliotecaria
Librarian

Keith Soares
Analista Administrativa
Analista Administrativa
Administrative Analyst

Luana Santos
Estagiária de Museologia
Pasante de Museologia
Museology Intern

Lucas Pires
Assistente de Diretoria
Assistente de la Junta Directiva
Assistant to the Board of Directors

Marcos Inácio Meireles
Supervisor de Montagem
Supervisor de Instalación de
Obras de Arte
Artwork Installation Supervisor

Maria Rita Valentim
Analista de Educação
Analista de Educación
Education Analyst

Márcia Santos
Produtora Executiva
Productor Ejecutivo
Executive Producer

Nara Campos
Bibliotecária e Mediadora Cultural
Bibliotecaria y Mediadora Cultural
Librarian and Cultural Mediator

Nathan Emerenciano Gomes
Assistente de Operações e T.I
Asistente de Operaciones y TI
Operations and IT Assistant

Nicholas Bastos
Assistente de Produção
Asistente de Producción
Production Assistant

Pietra Motta
Educadora
Educator

Priscila Zurita
Assistente de Museologia
Asistente de museologia
Museology Assistant

Priscilla Souza
Educadora de Projetos
Educadora de Proyectos
Project Educator

Renata de Almeida
Assessora de Comunicação
Asesor de Comunicación
Communication Advisor

Saturno Douglas
Assistente de Produção
Assistente de producción
Production Assistant

Thainá Nascimento
Assistente de Projetos
Asistente de Proyecto
Project Assistant

Renato Dias
Montador
Técnico de Instalación de Obras
de Arte
Artwork Installation Technician

Rosinaldo José de Oliveira
Supervisor de Manutenção
Técnico de Mantenimiento
Hidráulico
*Hydraulic Maintenance
Technician*

Ruanna Sander
Produtora da Escola do Olhar
Productor de la Escola do Olhar
Producer of Escola do Olhar

Tatiana Paz
Educadora
Educadora
Educator

Wellington Rodrigues Ribeiro
Assistente Administrativo Escola
do Olhar
Asistente administrativo Escola
do Olhar
*Administrative assistant Escola
do Olhar*

Yago Feitosa
Educador de Projetos
Educador de Proyectos
Project Educator

**PREFEITURA DO RIO DE
JANEIRO**
Rio de Janeiro City Hall
Ayuntamiento de Rio de Janeiro

Eduardo Paes
Prefeito
Alcalde
Mayor

Marcus Faustini
Secretário Municipal de Cultura
Secretario Municipal de Cultura
Municipal Secretary of Culture

Flávia Piana
Subsecretária de Cultura
Subsecretaria de Cultura
Commissioner of Culture

Douglas Rezende
Chefe de Gabinete – SMC
Jefe de Gabinete
Chief of Staff

Heloísa Queiroz
Gerente de Museus
Gerente del Museos
Museums Manager

**CONSELHO MUNICIPAL DO
MUSEU DE ARTE DO RIO –
CONMAR**
**CONSEJO MUNICIPAL DEL
MUSEO DE ARTE DE RÍO**
**MUNICIPAL COUNCIL OF THE
RIO ART MUSEUM**

Luiz Chrysostomo
Presidente
President

**José Roberto Marinho, Geny
Nissenbaum, Hugo Barreto,
Marcus Faustini,
Luiz Paulo Montenegro, Marcelo
Calero, Paulo Niemeyer Filho
Pedro Buarque de Holanda,
Ronald Munk**
Conselheiros / Consejeros /
Counselors

INSTITUTO ODEON
Correalização
Co-realización
Co-realization

Carlos Gradim
Diretor Artístico
Director Artístico
Artistic Director

Roberta Kfuri
Diretora de Operações e Finanças
Directora de Operaciones y
Finanzas
Chief financial officer

Márcia Rego
Coordenadora de Produção
Coordinador de produccion
Production coordinator

**Alexa Oliveira, Alice Corrêa,
Douglas Bastos, Leandro Moraes,
Letícia Falcão, Raphaela
Machado, Renato Alexandre,
Thaynara Rosa, Vanda Batista**
Equipe Técnica / Equipo Técnico /
Technical Team

**CONSELHO DO INSTITUTO
ODEON**

Bruno Pereira
Presidente
President

**Emilia Paiva, Adriana Karla
Rodrigues, Tatyana Rubim,
Renata Salles, Ingrid Mello,
Mônica Bernardi**
Conselheiros / Consejeros /
Counselors



<p>MANTENEDOR</p>  		<p>PATROCÍNIO MASTER</p>  		<p>PATROCÍNIO</p> 	
<p>PATROCÍNIO ESCOLA DO OLHAR</p>  		<p>APOIO INSTITUCIONAL</p>  		<p>APOIO EDUCACIONAL</p> 	
<p>APOIO ESCOLA DO OLHAR</p>  		<p>PARCERIA DE MÍDIA</p>  		 	
<p>GESTÃO</p> 		<p>CORREALIZAÇÃO</p> 		<p>APOIO</p> 	
<p>CONCEPÇÃO E REALIZAÇÃO</p> 		<p>REALIZAÇÃO</p> 		  	